

A EDUCAÇÃO ANTI-LGBTIFÓBICA COMO CAMINHO PARA SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CURITIBA

Claudemar Pedroso Lopes

Eliane Rose Maio

Resumo

O presente projeto versa sobre uma proposta de educação inclusiva, sobretudo no que diz respeito à comunidade LGBTI+. Nesse sentido, o objetivo principal de uma futura pesquisa nessa área é a de trabalhar com docentes do Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto discussões que visem a busca da superação da violência e exclusão de sujeitos LGBTI+, sobretudo aqueles em idade escolar. Para tanto, utilizaremos a pesquisa-ação mesclada com etnográfica como metodologia principal a ser adotada. Para embasar tal proposta, serão imprescindíveis documentos na área da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (2016), entre outros quando se fizer viável. Como conclusão prévia, entendemos que há uma defasagem desses projetos sobretudo com profissionais da educação nas escolas de Curitiba.

Palavras-chave: comunidade LGBTI; periferia; pesquisa-ação; BNCC.

Abstract

This project deals with a proposal for inclusive education, especially with regard to the LGBTI+ community. In this sense, the main objective of future research in this area is to work with professors from Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto on discussions aimed at overcoming violence and exclusion of LGBTI+ subjects, especially those of school age. To do so, we will use action research mixed with ethnography as the main methodology to be adopted. To support this proposal, documents in the area of education will be essential, such as the National Common Curricular Base (2016), among others when it becomes feasible. As a preliminary conclusion, we understand that there is a delay in these projects, especially with education professionals in Curitiba's schools.

Keywords: LGBTI community; periphery; action research; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de percepções acerca do preconceito contra a comunidade LGBTI, que podemos dizer que é um problema sistêmico e não há

prerrogativa para que seja findado senão pela base, ou seja, pela educação de nossas crianças e jovens. Portanto, entendemos que esse debate deve ser feito no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito à nossa rede pública de educação. Nesse sentido, aventou-se algumas perspectivas que serão previamente debatidas ao longo deste projeto, que concernem às perspectivas de orientação e identidade de gênero, no fito da comunidade de Lésbicas, de Gays, de Bissexuais, de Travestis, das Mulheres Transexuais, dos Homens Transexuais e das Pessoas Intersexo e demais identidades de gênero (LGBTI+) mostrando o que o amplo de tal significa e que engloba tais questões. Não é de hoje que se discutem as perspectivas sobre o debate de gênero, no que tange às complexidades das identidades e orientações sexuais, entretanto, esse tema se popularizou com o passar do tempo, principalmente na última década.

Infelizmente, essa temática ganhou certa notoriedade também por meio de diversas *fake news* que pulularam na nossa sociedade, principalmente, desde 2016, como por exemplo a questão do “kit gay” e da “mamadeira erótica” (já desmentida por diversos meios de informação e estudiosos, como Romancini [2018], Cardoso [2019], Vilela e Libardi [2019], entre outros). Assim sendo, fomentar esse debate, principalmente no ambiente escolar, é considerar, inicialmente, todas essas perspectivas, envolvendo a desmistificação desses pré-conceitos, bem como considerar a escola como um ambiente heterogêneo, diverso e livre de preconceitos.

Além, é claro, de reforçar a amplitude do universo LGBTI+, demonstrando sua complexidade e as identidades que tangem cada um desses indivíduos que o compõe, tendo em vista que quando se fala de tal abordagem, estamos nos pautando em uma questão identitária. Portanto, este projeto se propõe a desenvolver um trabalho que busque articular a identidade e orientação sexual para uma escola mais livre de LGBTIfobia, principalmente por meio de uma formação contínua de professoras e professores, em um trabalho contínuo que pretende demonstrar perspectivas teóricas e formas de trabalho com um tema tão complexo como esse em sala de aula. O que se propõe para uma pesquisa futura é o desenvolvimento de atividades (que serão especificadas aqui nos objetivos) com docentes de uma escola estadual periférica.

Então, sugerir um projeto que abarque essas perspectivas concerne respeitar as diferenças e fortalecer sujeitos com uma visão heterogênea de mundo, voltado a

extirpar desigualdades e práticas de preconceito. Esse projeto pode ser articulado, em partes a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016). Esse documento afirma que há necessidade de haver igualdade e equidade dentro da educação. Entretanto, ele não faz nenhuma referência à comunidade LGBTI+. Sendo assim, já deixamos um ponto para discussão na nossa possível dissertação a ser desenvolvida, e um problema de pesquisa: *até que ponto a igualdade e equidade discutida pela BNCC (2016) engloba a comunidade LGBTI+, já que a noção de diversidade, proposta pelo documento, parece ser mais abrangente, e não específica as questões identitárias com mais ênfase?* Dessa forma, esse é um ponto crucial a ser discutido. Mesmo que o documento não preconize a comunidade LGBTI+ no seu texto, podemos ampliar esse conceito por ela proposto para a escola, tendo em vista que é necessário tanto igualdade quanto equidade para tornar um mundo mais justo e livre de preconceitos para essas pessoas.

É certo que além dessa questão estrutural, outro problema tangencia o fato de não se trabalhar essas questões em sala de aula: há uma lacuna na formação de professoras e professores a respeito dessa temática, elemento que já caminha há muito, sobretudo no estado do Paraná. O sucateamento que estamos enfrentando no campo educacional, principalmente na última década, reflete fortemente na formação desses profissionais. Segundo Abreu (2018), há um grande obstáculo para que muitos estudantes LGBTI+ consigam concluir seus estudos, tendo em vista o silenciamento dessa comunidade em um lugar que seria de acolhida, como a escola. Isso porque, esses estudantes acabam sofrendo violência de diversas naturezas, principalmente no âmbito físico e no psicológico. Bento (2008) chama de *processo de expulsão desses sujeitos da escola*, e não de evasão. Sendo que, em verdade, esses indivíduos estão sendo marginalizados por essas instituições que deveriam fazer o processo de respeito a essas pessoas.

Assemelha-se a uma relação de *estabelecidos* e *outsiders*, conforme teorizou Norbert Elias (2000). Segundo o autor, os *estabelecidos* são aqueles que pertencem a uma comunidade específica, enquanto os *outsiders* são aqueles que chegam depois e tentam de todas as formas se enquadrar nessa comunidade. O que acaba acontecendo é que nem sempre os segundos têm sucesso, já que a pressão que os primeiros fazem é muito forte, utilizando-se da violência, por exemplo. Nesse sentido,

acabam sendo marginalizados e excluídos. Essa relação foi pensada para a sociedade moderna, mas ela pode ser deslocada para a nossa realidade, tendo em vista que a comunidade LGBTI+ tenta ganhar seu espaço e sofre as mais diversas formas de opressão, seja pelo discurso, pela violência física ou por mecanismos do próprio Estado que impossibilitam o acesso dessas pessoas à ampla igualdade. Portanto, é imprescindível que a escola seja esse local de debate e que possa respeitar a individualidade de cada um.

2 DESENVOLVIMENTO

A escola é um espaço também de debate, isso é fato, tendo em vista que todas as disciplinas do componente curricular preconizam isso. Propõe-se, nessa esfera, um projeto realmente viável que possa transformar a realidade de um colégio da periferia – Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto. Este projeto se justifica, então, por esses motivos: a necessidade de buscar a igualdade e se utilizar da educação como instrumento de mudança dessa realidade palpável. Conforme já dito, e para reforçamos essa necessidade, há uma lacuna na formação de professores, que assegura a necessidade de propormos projetos de formação continuada, sobretudo nas semanas pedagógicas que acontecem algumas vezes ao ano. Nessas semanas, quem geralmente coordena as propostas são as pedagogas e os pedagogos, junto com a equipe diretiva. São eles que organizam as palestras que serão ministradas às professoras e aos professores com o intuito de alinhar o trabalho pedagógico. De acordo com Silva (2013), é inevitável que o ambiente escolar seja um local que tenha por objetivo quebrar com o machismo, com o racismo e com a LGBTIfobia, a partir de propostas e projetos que atuem nesse sentido. Isso porque a escola é reflexo do pensamento crítico. Assim, atuam a equipe pedagógica, os docentes e a comunidade escolar nesse sentido. Por isso, é fundamental essas formações para suprir essas lacunas. Por fim, não podemos deixar de mencionar ainda ataques à nossa educação como manifestações aos moldes do “Escola Sem Partido”. De acordo com Frigotto (2017), esse projeto de lei é uma regressão no que diz respeito aos direitos das professoras e dos professores no ato de educar e de atuarem como mediadores da formação humana. É um ataque do conservadorismo de elites empresariais e também de grupos fundamentalistas, por meio de seus representantes comprometidos com o

atraso. Dessa maneira, se comprometer com esse projeto é o mesmo que retroceder na democracia, nas liberdades individuais e sobretudo privar a escola de debater qualquer tema, inclusive os que tangenciam a sexualidade e as particularidades dos sujeitos, principalmente no que diz respeito às suas orientações e identificações de gênero.

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

-Trabalhar com docentes do Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto discussões que visem a busca da superação da violência e exclusão de sujeitos LGBTI+, sobretudo aqueles em idade escolar.

3.2 Objetivos Específicos

- Propor discussões teóricas que abarquem o respeito, a inclusão, a diversidade, e os novos conceitos que são associados à sexualidade humana, sem deixar de lado questões que tangenciam as legislações, instrumentalizando docentes, bem como os documentos que norteiam a inclusão da sexualidade a prática escolar;

- Sugerir campanhas que deem visibilidade as datas de contexto sócio-histórico do movimento LGBTI+, como 17 de maio, 28 de julho e 29 de agosto, sem esquecer que a construção desse processo é feita aos poucos pelas discussões supramencionadas;

- Fomentar debates, com os docentes, que partam de pré-conceitos e formulem discussões conscientes sobre os pontos supramencionados, sem deixar de entender a realidade dos personagens envolvidos nesse processo, ou seja, a comunidade escolar;

- Investigar a comunidade escolar e propor oficinas para os docentes para que eles organizem sequências didáticas próprias nas suas disciplinas, buscando o entendimento dos discentes e relacionando com o conteúdo programático;

- Observar, em um primeiro momento, o planejamento desses discentes sendo aplicados em sala de aula, e intervir, assim que necessário, nessa abordagem das

professoras e professores, a fim de organizar a realidade escolar e alinhar ao objetivo geral da presente proposta de pesquisa.

4. Breve revisão de literatura e fundamentação teórica

Diversos temas tangenciam a presente pesquisa, servindo de norte para abordá-la de forma que considere as particularidades de um tema ainda a ser muito debatido. Nesse sentido, consideramos uma revisão de literatura que pudesse abarcar, dentre outras perspectivas, a questão da escola como pautadora das diversidades e meio para debates sobre identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, e não menos importante, o tema da sexualidade deve aparecer quando consideramos a escola também como local de abertura para discussão de qualquer tema, sem tabus e preconceitos. É certo que a formação de seres humanos passa por diversas esferas além da escola. Sua vivência perpassa pela mídia, pela comunidade, pela família, enfim, adquirem sua personalidade antes mesmo de adentrarem o ambiente escolar, por isso ali se comportam, por vezes, com preconceitos, sobretudo de etnia, religião, orientação sexual e identidade de gênero. Por isso, consoante Souza, Cardozo e Souza, a escola seria a principal fomentadora da educação sexual, senão isso ficaria a cargo da mídia. Entretanto, o que é mais preocupante em todo esse debate é que, principalmente na última década, muito começou a se problematizar esse tipo de educação nas escolas, dando a ela uma carga ideológica ligada a princípios políticos, como se fosse ensinado a crianças e aos adolescentes ter uma vida sexual ativa, enquanto nós, como professoras, professores, sabemos que uma educação sexual de qualidade está longe disso. Ela serve, inicialmente, para instruir noções básicas sobre corpo e sexualidade, em um primeiro momento, evitar abusos físicos, e mais adiante investir em discussões estruturantes que passem para o princípio das orientações e identidades, que fazem parte das particularidades individuais. Assim, é necessário também, e podemos dizer que serve como mais uma justificativa para esta futura pesquisa, desmistificar que o princípio desse tipo de educação seja voltado para entregar nossas crianças à promiscuidade. Essa narrativa se estabeleceu como mais uma *fake news* fomentada por grupos de origem duvidosa, mas que sustentam com princípios fundamentalistas.

Assim sendo, seria a escola o local para falar sobre sexualidade? Estariam nossas crianças e adolescentes prontos para ouvir falar sobre isso? De acordo com Louro (2006) *apud* Souza, Cardozo e Souza, a sexualidade é algo intrínseco ao ser humano. No entanto, alguns campos da vida comum, como o Estado, a religião, entre outros, começaram a normatizar essas práticas e impor regras sobre a sexualidade alheia. Isso fez com que muitas técnicas de repressão fossem adotadas ao longo da história. Sendo assim, César (2009) nos faz um relato completo sobre como as práticas sobre a higienização ligada ao sexo foram frequentes no século XIX e se espalharam no Brasil no século XX. Ela relembra como os discursos de educadores e médicos se ligaram a fim de permitir um discurso que falasse de sexo, mas de forma “limpa”, que se voltasse somente ao discurso e não à prática – aqui, a professora relembra, como foucaultiana por excelência, como o discurso e prática são ligados na visão de Foucault.

Entretanto, a partir dos anos de 1960, em algumas escolas experimentais, pelo advento das lutas feministas, dos movimentos gays e lésbicos, a educação sexual passou a vigorar com mais intensidade nos currículos escolares. Porém, com a ditadura militar, essa revolução foi fortemente reprimida. Já nos anos 90, com o advento da AIDS e de outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), começou-se a pensar em formas de combate e prevenção dessas doenças. Nesse entremeio, ainda segundo César (2009), surge os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), na segunda metade da década de 1990, com o tema transversal sobre educação sexual, o que fez com que ela fosse definitivamente implementada no currículo. Percebemos, então, que esse documento foi revolucionário para a época e já incluiu definitivamente tais questões nos currículos escolares. Além desse documento, podemos citar também o Programa Brasil sem Homofobia (BRASIL, 2004), que discutia a inclusão dos sujeitos LGBTI+ e já falava sobre identidade e orientação sexual no campo escolar. Em 2017, tivemos acesso também ao Parecer CP/CEE nº01/09, do Conselho Estadual de Educação do Paraná, que permitiu a possibilidade de uso de nome social para travestis, mulheres transexuais e homens transexuais, e por meio da Orientação Conjunta nº 02/2017 prezou também o uso de nome social para os menores de idade.

Não obstante, podemos ainda citar ainda o Plano Nacional de Educação (PNE), esse documento direciona/irá direcionar as práticas educacionais pertinentes aos anos de 2014 – 2024, sendo sancionado pela presidenta Dilma Rousseff e traz como principal contribuição do Plano a erradicação de qualquer forma de preconceito, com a superação das desigualdades de qualquer natureza. Nesse sentido, entendemos que há vários planos que se juntam a fim de acabar com a descrição de qualquer natureza, esses agora incorporados à educação como principal aliada. Devemos considerar, por fim, o que nos diz também Judith Butler (1993). Para ela, o gênero pertence a um processo contínuo, ou seja, que não possui origens ou fins, mas é algo que é feito constantemente pelos indivíduos, portanto, não é algo “somos”. Ela também defende todo gênero é por definição não natural. Assim, a construção da identidade masculina ou feminina não depende exclusivamente de fatores biológicos, mas tem ligação com as inúmeras transformações nas vidas dos sujeitos, que tem a ver com fatores sociais, culturais, psicológicos e até mesmo religiosos. Assim sendo, todas as perspectivas aqui presentes além de terem potencial de incorporar a futura dissertação a qual estou pleiteando, também servirão de embasamento para traçar as discussões teóricas que serão feitas com os docentes a fim de atingir o objetivo geral deste trabalho.

Não podemos deixar de citar estudos que envolvem diretamente a temática sendo abordada aqui. A exemplo desse tema, podemos citar outros estudos afim, como França (2019), que versa por uma educação mais inclusiva, principalmente dos indivíduos LGBTI+, por meio de uma abordagem dos Direitos Humanos, que, segundo ele, devem ser pensados na trajetória escolar, a fim de acabar com a homofobia e o preconceito. Além dele, Silva, Borges e Guedes (2018) escrevem como o preconceito afeta a vida escolar de sujeitos LGBTI+, trazendo relatos e propondo formas de superação dessas questões também. Já Rambaldi (2010) discute como a escola serve como pano de fundo de exclusão de jovens LGBTI+ e o quanto eles ficam à margem da sociedade por esse motivo. Nesse sentido, é fundamental estudar autores e leis que embasam a relação entre a escola, diversidade e gênero, com o objetivo de trabalhar com os docentes tais leituras e auxiliá-los no embasamento teóricos com vistas a superar a violência e exclusão de sujeitos LGBTI+.

5. Descrição e fundamentação da metodologia a ser usada

A pesquisa será desenvolvida em campo na forma de uma pesquisa-ação no Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto, sito Estrada Delegado Bruno de Almeida, número 4396, bairro Campo do Santana (periferia de Curitiba), Paraná, com traços de pesquisa etnográfica, sem deixar de levantar bibliografia pertinente sobre o tema, tornando-a também qualitativa. Segundo Guido Irineu Engel, em uma pesquisa-ação: “uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto” (ENGEL, 2000, p.182). Portanto, procuraremos desenvolver o trabalho de transformação da comunidade que envolve o colégio já a partir do ano de 2022, fazendo intervenções com o corpo docente da instituição durante todo o ano vigente e seguinte e, ao mesmo tempo, coletando dados para a confecção da dissertação.

A pesquisa-ação deve ser baseada em uma situação que possa ser modificada de forma prática. O direcionamento deve se dar por meio da observação e dos direcionamentos para atitudes práticas, portanto.

Dessa forma, a pesquisa que aqui se propõe e que terá como campo o Colégio Guilherme Pereira Neto procurará, como afirma Engel, não apenas superar a dicotomia entre sujeito e objeto, mas repensar a própria noção de pesquisa ação, uma vez que a questão a que ela se depara não é apenas situacional, pois o problema da LGBTIfobia é ao mesmo tempo específico e universal. As respostas a que o pesquisador poderá chegar podem ser, dessa maneira, tanto situacionais quanto universais. Nesse caso, apenas se poderá chegar a algum tipo de *feedback* no decorrer das intervenções e das formações proporcionadas ao corpo docente e durante as aplicações no decorrer do ano letivo, ou seja, durante o processo da pesquisa-ação e enquanto o trabalho de campo estiver sendo feito.

Será preciso por parte do pesquisador perceber os processos de transformação, o que pode ser também entendido posteriormente, após a análise do material reunido para a confecção do trabalho final. Fica claro que o objetivo da pesquisa não é a solução do problema da violência e exclusão de sujeitos LGBTI+ como um todo, mas a ampliação do debate em torno da LGBTIfobia e a transformação do ambiente escolar e da comunidade que está em torno do colégio em questão. Não

podemos também deixar de considerar a abordagem de Cançado (1994) para o desenvolvimento deste trabalho. Ela apresenta a perspectiva da pesquisa etnográfica no campo da educação. Pesquisa essa que é tradicionalmente da antropologia, mas que nesse caso nos serve para observar e colocar a prática também no campo da educação. Segundo ela, há o princípio holístico, no qual a sala de aula é observada como um todo e o registro é feito pela coleta de dados. O pesquisador, então, atua como um observador e frente àquela realidade. Nesse sentido, ele consegue traçar um perfil daquela turma e levantar propostas para a professora ou o professor em atuação conseguir transformar a realidade pré-estabelecida.

Assim, a pesquisa etnográfica também será uma importante aliada no desenvolvimento deste trabalho, já que fará parte do terceiro momento da nossa abordagem em campo. Nesse sentido, no desenvolvimento prático deste trabalho, na junção da pesquisa-ação e etnográfica, haverá três momentos majoritários: o primeiro deles será focado na perspectiva teórica. Tais discussões envolverão, sobretudo, os documentos que norteiam as bases pedagógicas e se apropriam das discussões sobre sexualidade e diversidade na escola. Serão também discutidos conceitos, histórico de lutas e temas que permeiam a comunidade e vivência dos LGBTI+. Assim, será possível fomentar discussões a respeito desses temas, entender as perspectivas prévias dos docentes, enfim, partir de uma perspectiva norteadora para organizar o segundo momento.

O segundo momento será composto pela organização dos projetos com as professoras e os professores. Os docentes de cada área poderão ser divididos em grupos conforme suas afinidades: humanidades, exatas e biológicas, caso assim desejarem ou por afinidade. Dessa maneira, com base nas discussões prévias, poderão propor algum projeto que intercale a vivência das suas disciplinas com o que poderá ser feito sobre as questões de uma escola sem LGBTIfobia. Todo esse processo terá orientação desse pesquisador, e poderá ser organizado em grupos de estudos com duração de 2h semanais. Por fim, o terceiro e último momento será a observação da implantação desses projetos em sala de aula. Todo esse momento não terá a intervenção desse pesquisador, apenas observação e anotação sobre o que está sendo pontuado em sala de aula. Após toda a implementação da sequência didática por parte dos docentes será viável, em reuniões posteriores, a discussão dos

acertos e pontos a serem melhorados, para a repetição da sequência caso seja necessário.

Em suma, a grande parte de uma futura pesquisa nessa área é focar no trabalho com docentes do Colégio Estadual Guilherme Pereira Neto, discussões que visem a busca da superação da violência e exclusão de sujeitos LGBTI+, principalmente aqueles que têm o direito de estudar e muitas vezes não o exercem pela pressão que sofrem. A metodologia, portanto, se dará por meio da pesquisa-ação com uma mescla da etnográfica, nas quais o pesquisador, ao mesmo tempo que se envolve diretamente na comunidade, observa e pode trazer respostas aos anseios, dificuldades, ajudando tais professores e professoras a superar a defasagem quanto a essa temática, quando forem trabalhar diretamente com os estudantes. Isto é, como parte da equipe pedagógica, que já conhece a estrutura da escola, bem como seus agentes, propor um trabalho dessa magnitude acaba tornando-se mais inclusivo. Assim, estar próximo desses professores faz com que a pesquisa seja mais ativa; não haverá uma atuação à distância, mas sim um envolvimento real com a pauta – (re)pensar esses sujeitos LGBTI+ que são excluídos diariamente – ao passo que se propõe um trabalho com os docentes a fim de superar essas problemáticas.

6 CONCLUSÃO

Conforme já exposto acima, há várias visões plurais sobre esse assunto. Mesmo que haja uma boa discussão sobre esse tema, devemos pensar que uma escola da periferia de Curitiba, por exemplo, diverge de uma escola da periferia do Rio de Janeiro. Nesse sentido, traçar uma pesquisa da forma que se propõe aqui é levar em conta uma realidade específica. Com o Novo Ensino Médio, tínhamos uma esperança que disciplinas mais heterogêneas fossem adequadas ao currículo.

No entanto, o que se viu na prática foi mais do mesmo: um desdobramento de um currículo fragmentado com vistas a alcançar um pensamento robotizado e voltado ao mercado de trabalho. Dessa forma, fazer esse recorte é o que torna essa pesquisa única. É aquela realidade que estará sendo analisada – e mudada, tendo em vista que se trata de uma pesquisa-ação e etnográfica – por um pesquisador específico que entende os dilemas e percursos que aquela comunidade em questão enfrenta. Assim

sendo, o objetivo desta pesquisa é trabalhar com docentes a fim de discutir e pensar formas de superar a exclusão e a violência sofrida pela comunidade LGBTI+.

REFERÊNCIAS

ABREU, TF. **O sangue dos LGBT'S nos uniformes escolares: a LGBTfobia institucionalizada e a sua relação com o mal-estar discente**. TCC (graduação em ciências biológicas). Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Pelotas, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso: 18 ago. 2021.

_____. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem Homofobia: Programa de combate a violência e a discriminação contra LGBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Volume 10.5**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Plano Nacional de Educação (PNE) – 2014-2024**. Centro de documentação e informação. Brasília, 2014.

BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008

BUTLER, J. **Critically Queer. GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies** 1, Durham, North Carolina, Estados Unidos, Duke University Press, 1993, pp.17-32.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 23, 1994.

CÉSAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em revista**, p. 37-51, 2009.

DA SILVA, Paulo Alves Xavier; BORGES, Ana Patricia Farias; GUEDES, Albertina Marília Alves. REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA HOMOFOBIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM AO LONGO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Anais do 4º Seminário Internacional - Desfazendo Gênero, 2018.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, p. 181-191, 2000.

FRANÇA, Magno de Moraes. **Educação em direitos humanos: a inclusão da temática LGBTI na formação escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso - Centro Universitário Tabosa de Almeida, Pernambuco, 2019.

FRIGOTTO, G. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In. **Escola “sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira/** organizador Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas.** São Paulo: Boitempo editorial, 2015.

MIRANDA, M. G. de; RESENDE, A.C A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 511-518, 2006, p. 517.

PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 1, p. 83-94, 1997.

RAMBALDI, Mariana et al. Práticas de exclusão social no Brasil de jovens em vulnerabilidade social e do segmento LGBTI. **Trabalho (En) Cena**, v. 4, n. 1, p. 238-257, 2019.

ROMANCINI, R. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Revista Contracampo**, v. 37, n. 2, 2018.

SILVA, E.V. **A representação da sexualidade nas artes visuais:** a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar. Brasília, 2013. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Instituto de Artes, 2013.

SOUZA, E. L. S.; CARDOZO, R. C.; SOUZA, V. V. Diversidade Sexual e de Gênero no Ensino da Arte: Debatendo possibilidades, levantando questões. **Tramas para Reencantar o Mundo**, [S.l.], v. 2, n. 2, Fev. 2017.

VILELA, Mateus; LIBARDI, Guilherme. Mamadeira erótica e kit gay: Fake news e noções de masculinidade na cibercultura. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019.